

A CONSTRUÇÃO DA INTERAÇÃO, IDENTIDADES E ATITUDES NA CONVERSAÇÃO: UMA CO-CONSTRUÇÃO POR MEIO DE ESCOLHAS LEXICAIS

Lourdes Maria Azucena Molin (UFSM)

Cinara Leal Azevedo (UFSM)

Maria Thereza Nunes Marchesan (UFSM)

RESUMO

A análise da conversação pode ser estudada partindo da construção de determinados papéis sociais e também de determinadas concepções de mundo constituindo assim, a identidade dos interlocutores na interação social. A partir desse princípio, pretende-se neste trabalho, por meio de uma conversação espontânea dentro de uma prática discursiva conversacional no âmbito da vida social, analisar como se constroem a interação e a identidade de alunos de graduação de uma determinada instituição, considerando elementos como o contexto específico, materiais verbais, paraverbais e não verbais, e a construção de relações e atitudes. Para o andamento desta análise, consideraram-se os modelos propostos pelos teóricos, Gee (1999), e Orecchioni (2014). Os resultados permitem entender que o contexto permeia a interação. Por meio dessa interação, determinadas identidades e atividades são construídas, realizando determinadas escolhas lexicais para essa construção.

PALAVRAS CHAVE: Análise da conversação. Interação na conversação. Construção da identidade no texto conversacional.

RESUMEN

El análisis de la conversación puede ser estudiada partiendo de la construcción de determinados papeles sociales y también de determinadas concepciones de mundo, constituyendo así, la identidad de los interlocutores en la interacción social. Partiendo de ese principio, se pretende en este trabajo, por medio de una conversación espontánea dentro de una práctica discursiva conversacional en el ámbito de la vida social, analizar cómo se construyen la interacción y la identidad de alumnos de grado de una determinada institución, considerando elementos como el contexto específico, materiales verbales, para verbales y no verbales, y la construcción de relaciones y actitudes. Para el desarrollo de este análisis, se consideran los modelos propuestos por los teóricos Gee (1999) y Orecchioni (2014). Los resultados permiten entender que el contexto permea la interacción. Por medio de esa interacción, determinadas identidades y actividades son construidas a través de la realización de elecciones léxicas para esa construcción.

PALABRAS CLAVE: Análisis de la conversación. Interacción en la conversación. Construcción de la identidad en el texto conversacional.

1. Introdução

Conforme Gee (1999) existe a tendência a pensar nas conversações só como palavras, mas na perspectiva do autor as conversações envolvem mais do que palavras, envolvem discursos. A conversação é um meio pelo qual os sujeitos dão sentidos à sua realidade social, representando relações e identidades (TUSÓN, 2002).

Assim, a conversação, neste trabalho, é estudada desde a perspectiva do teórico Gee (1999), que a define como uma atividade que envolve discursos, nos quais se representam controvérsias, valores e maneiras de pensar, além de se estabelecerem valores simbólicos de objetos e instituições.

Os sujeitos constituem-se por meio da língua. Dessa forma, neste trabalho, a língua é entendida em sua perspectiva de uso, ou seja, como é utilizada para representar as relações, atividades, identidades e papéis sociais, já que na conversação vão se construindo essas representações.

O teórico Gee (1999) trata sobre uma abordagem do discurso com uma análise da língua quando utilizada para criar atividades, perspectivas e identidades. Na perspectiva do autor, a mente, o corpo, as interações, os grupos sociais e as instituições estão inseridos no mesmo contexto. Isto é a língua em uso.

Desse modo, a língua só tem significado dentro e por meio de práticas, neste caso, dentro da conversação. Gee (1999) destaca que os detalhes da língua indicam atividades sociais específicas. Isto é, a língua representa esferas da sociedade, por exemplo: a esfera social da universidade, as atividades sociais como grupo que se realizam nessa instituição e os papéis sociais que os participantes desenvolvem como estudantes, formando parte dessa instituição.

No que concerne o discurso, Gee (1999) destaca que existem dois tipos; um com "D" maiúscula e outro com "d" minúscula. Por um lado, o "Discurso" é representado quando se assumem certas formas de agir, pensar, avaliar e falar em determinados tempos e determinados lugares, os quais são considerados como corretos para a representação desse "Discurso". Já o "discurso" representa a língua em uso ou amostras de língua, como em conversações ou histórias.

Neste trabalho tratamos do "discurso" proposta pelo teórico, o qual se refere à língua em uso por meio de trechos de língua, como conversações, ou histórias. No entanto, dentro desses "discursos" encontram-se "Discursos", os quais são expressos por meio da construção de identidades que os interlocutores constroem ao decorrer do texto conversacional.

Segundo o autor, esses "*D-discursos*" são realizados no meio de instituições sociais, por exemplo, a universidade, e envolvem também uma variedade de elementos, como laboratórios, salas de aula, bibliotecas, etc.

Quando falamos, sempre temos uma postura com respeito ao que consideramos como o "mundo". Esse "mundo" é entendido neste trabalho como todos os aspectos ideológicos, sociais que estão em interação na conversação, tomando como base todos os nossos conhecimentos enciclopédicos. Essa postura pode ser manifestada por meio das escolhas lexicais que realizamos em função do que pensamos do "mundo".

De acordo com Gee (1999), essas perspectivas do mundo são expressas por meio da gramática, nas palavras do autor, a gramática simplesmente não nos permite falar ou escrever sem perspectiva. Dessa forma, o léxico que utilizamos para expressar- nos determina amplamente as nossas perspectivas. É verdade que a gramática, os tempos verbais, por exemplo, delimitam muito a percepção do mundo dos sujeitos, mas as escolhas lexicais são as mais determinantes no momento de avaliar uma opinião, ou de expressar-se.

Não é o mesmo falar, por exemplo: 1) *o povo é* 2) *os cidadãos são* ou 3) *as pessoas são*. O primeiro e o segundo exemplo abrangem um sentido de coletividade, de uma sociedade determinada, identificada pelo contexto da

enunciação, mas o terceiro exemplo “as pessoas são” marca uma distancia social. Parece que não formam parte de um coletivo, são nomeadas como quaisquer pessoas, não pertencentes a um determinado grupo.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é analisar o contexto, a interação, a construção da identidade e das atividades no texto conversacional por meio desse tipo de escolhas lexicais em uma conversação, considerando assim, a materialidade linguística, mas também os elementos extralinguísticos para possibilitar a interpretação desses elementos co-construídos pelos dois sujeitos na conversação.

2. Considerações para a análise da conversação.

2.1. Contexto

Orecchioni (2014), a partir de um enfoque interacionista, propõe um objeto de pesquisa que não estude frases abstratas, mas discursos estudados em situações comunicativas concretas.

Orecchioni (2014) considera que o contexto deve ser parte da análise de uma conversação. Assim, para esse trabalho propõe-se uma apresentação de contexto estabelecendo os “ingredientes” do contexto e o quadro participativo (ORECCHIONI, 2014). Por um lado, os ingredientes do contexto que correspondem ao lugar, aos objetivos e aos participantes e por outro lado, o quadro participativo que compreende os papéis interlocutivos e os diferentes tipos de ouvintes.

Nesse sentido, Gee (1999) também apresenta os elementos "Quens", e "Ques" que nós colocamos no contexto, para o autor esses "Quens", e "Ques" são elementos importantes nos Discursos. Assim, em um primeiro momento, os sujeitos na conversação correspondem ao nomeado de "quem" por Gee (1999). Esses "Quens" são identidades socialmente situadas, o tipo de sujeito que se esta procurando ser "aqui e agora", isto é, atividades sociais situadas que os discursos ajudam a construir, nesse trabalho esse "aqui e agora" é o momento conversacional.

Para poder ser um "quem" em particular que trata um "que" determinado requer que atuemos, avaliemos, interagamos e usemos a língua em coordenação com outros sujeitos e com vários objetos em locações apropriadas e em momentos apropriados.

A chave do "Discurso" é o reconhecimento, isto é ser reconhecido como alguém em particular engajado em uma atividade particular em um momento determinado por meio da língua, agindo e interagindo, para o teórico, nesse momento é que o sujeito mostra um "Discurso".

Esse "Discurso" é realizado, segundo Gee (1999), no meio de intuições sociais, a universidade, por exemplo, envolvendo uma variedade de elementos, como laboratórios, salas de aula, bibliotecas, etc, mas para que esse discurso faça sentido, se devem reconhecer as identidades e atividades envolvidas.

2.2. A gramática e o léxico como materialidade para a construção de atividades e identidades

A língua é utilizada para poder desvelar um "Discurso" em diversos "discursos", a língua é considerada como "língua social" em interação. No entanto, o

uso apenas da língua não é suficiente para encontrar "Discursos", já que o "Discurso" envolve mais do que a língua em discursos, envolve a coordenação da língua com maneiras de agir, interagir, avaliar, acreditar, sentir complementando o uso da língua com elementos como o corpo, símbolos não linguísticos, objetos, tempos, lugares.

Segundo o autor, existem dois tipos de gramáticas, por um lado, a tradicional que corresponde a substantivos, verbos, frases, etc, isto é a gramática estudada em um contexto institucional, e por outro lado, a gramática das regras pelas quais se criam padrões que indicam determinados "quens" realizando "ques" entre "discursos".

Os falantes realizam o discurso oral por meio de padrões, esses padrões são elementos para mostrar identidades situadas e atividades específicas. Na gramática, por exemplo, os substantivos "povo", "cidadãos" e "pessoas" são utilizados como gramática I, todos eles são substantivos comuns, mas as regras utilizadas para empregar esses substantivos correspondem à gramática II.

Segundo Gee (1999), a construção das palavras e de significados situados de algumas palavras e frases podem ser relacionadas com determinados lugares, tempos, objetos, e instituições, relevantes para a situação, modelos culturais, instituições ou discursos. Por meio da escolha lexical, pode-se inferir o significado desses "Discursos" em uma situação determinada.

Essa escolha lexical se realiza por meio de palavras. Assim, Gee (1999) destaca dois tipos de palavras, por um lado, as de conteúdo e pelo outro, as de função. As palavras de conteúdo são nomeadas de palavras lexicais, as quais formam a maior parte da fala, correspondem a nomes, verbos, adjetivos, etc. É uma categoria aberta, pois, compreende um inúmero de palavras, já o segundo tipo de palavras são nomeadas de palavras gramaticais, que pertencem a categorias menores, como artigos, pronomes, preposições. Esse tipo de palavras colabora para relacionar as palavras de conteúdo em uma frase juntamente com os outros elementos de informação.

Desse modo, os dois tipos de palavras colaboram para dar significado à fala dos sujeitos. As palavras de função ajudam a relacionar as palavras de conteúdo. Já a junção dos dois tipos de palavras colabora para a compreensão geral da fala.

2.3. Elementos da Interação na conversação

Orecchioni (2014) chama a atenção para o fato que toda interação verbal pode ser considerada um conjunto de eventos que na sua totalidade constituem um texto produzido em um contexto determinado e com regras internas que devem ser consideradas no momento da análise do texto conversacional. Assim, nesse trabalho, a interação pessoal foi considerada para a análise proposta.

A autora distingue dois tipos de relações, por uma parte, a relação horizontal que compreende como pontos extremos a distancia e a proximidade, e por outra parte, a relação vertical, a qual é considerada sob o principio de "poder" ou "hierarquia".

Para esse trabalho, considerou-se a relação horizontal, a qual é estabelecida sobre o princípio da interação quer mais distante ou quer mais próxima dos

interlocutores. A relação horizontal compreende, por um lado, a distância e por outro lado, a proximidade.

Considerando que as interações se desenvolvem com determinados sujeitos que compartilham um determinado laço socioafetivo, destaca-se que os dados contextuais, nomeados de dados externos, determinam esse laço, por exemplo, certas características em comum dos interlocutores na conversação, como o fato de serem estudantes e colegas do mesmo curso de graduação.

Esse laço socioafetivo também é perceptível por meio de sinais verbais, paraverbais e não verbais, nomeados de dados internos, pois ocorrem no processo interativo da conversação. O termo “relacionemas” foi dado por Orecchioni (2014) para nomear todos esses indicadores e construtores da relação interpessoal.

A relação dos interlocutores é outro elemento a considerar como parte da interação, nesse aspecto, Garfinkel (1967) expõe que os sujeitos dão sentido, por meio do uso linguístico, às diferentes circunstâncias nas quais eles estão envolvidos. O autor confirma que fazer interação é dizer interação, no sentido que é na interação verbal que surgem os significados sociais.

Huchby e Drew (1995) concordam com Garfinkel (1967), no sentido que os sujeitos evocam, na interação, os seus contextos sociais.

Se considera que el habla es un vehículo para la acción social y también uno de los principales medios con que se construye y se mantiene mutuamente la organización social en la interacción entre las personas. De aquí que se vea como un lugar estratégico en el que se puede estudiar de forma empírica y rigurosa de qué manera los agentes sociales, en su interacción, se orientan hacia contextos sociales y evocan esos contextos (HUCHBY; DREW, 1995, p. 183-184)

Desse modo, é por meio da interação nas conversações que os sujeitos constroem os seus contextos sociais, utilizando a língua para representar as suas identidades, e atividades dentro desses contextos sociais específicos.

2.4. Construção das identidades socialmente situadas das Interlocutoras

Gee (1999) propôs uma forma de analisar como são construídas as identidades e as atitudes por meio da conversação analisando o uso da primeira pessoa do singular “Eu”, ou seja, enunciados que são nomeados de “Eu enunciados”, os quais estão divididos em diversas categorias: cognitivos, afetivos, de estado ou ações, de habilidades ou obstáculos e de desejos e logros.

Em primeiro lugar, os enunciados cognitivos expressam o que os interlocutores sabem ou pensam, verbos como “achar” podem expressar os enunciados cognitivos, em segundo lugar, os enunciados afetivos, por exemplo, o verbo “quer”, em terceiro lugar, os enunciados de estado ou ações por meio de verbos como “estar” e “praticar”, em quarto lugar, afirmações de habilidades ou obstáculos, os quais expressam o que os interlocutores são ou não capazes de fazer, como por exemplo, verbos de tipo “poder” e “pedir”, e finalmente os enunciados de desejos e logros, verbos como “desejar” e “alcançar”.

Dessa forma, nesse trabalho, analisaram-se enunciados cognitivos, de estado ou ações, e de habilidades ou obstáculos, esses “Eu enunciados” no texto

conversacional ajudam a compreender as atitudes e identidades co- construídas pelos interlocutores no decorrer da conversação.

2.5. Material Analisado

Para a análise nesse trabalho, considerou-se que as conversações estão baseadas no princípio da interação. As marcas de interação nas conversações relacionam diferentes sistemas semióticos (ORECCHIONI, 2014). Por essa razão, o material analisado é de tipo verbal, paraverbal e não verbal, apresentados no texto conversacional seguinte:

- 1 L1: (...) até uma dinâmica né? pra dar (mais parecida)
2 L2: o problema e que também...sei lá cara as vezes eu acho que os professores por
3 ser noturno...
4 L1: acho que não dão aquele devido interesse de repente não montam uma aula...
5 ehhhh () falar
6 L2: [
- 7 e também () chegam desanimados eh entende tipo () serio eu já
8 dormiu na sala de aula e alguém também já dormiu na sala de aula
9 mas ela não pode ser nomeada
10 L1: sim quem nunca né? ((riu))
11 L2: ()
12 L1: ()
13 L2: Mm
14 L1: outra coisa que eu acho que ((tossiu)) realmente ((tossiu)) falta nos cursos de
15 espanhol seria uma cadeira tipo módulos modulo um dois até o / até o decimo
16 semestre com oralidade
17 L2: eu acho
18 L1: como se fosse uma cadeira que vai evoluindo evolutiva né?
19 L2: Sim
20 L1: um dois três porque tem uma duas três e daí já pula pra outra coisa eu estou
21 num semestre que não tem nada de espanhol
22 L2: eu tô sem nenhuma cadeira desde que voltei da argentina (sem) nenhuma
23 disciplina de espanhol
24 L1: [
- 25 exatamente aham e ai como vai praticar né? porque:: vai
26 Praticar por ti em casa ou em algum grupo de estudo
27 L2: não porque tipo ah sei lá eu também sou contra uma coisa que acontece ai no
28 curso mas isso já reclamei logo quando (teve aquela) coisa que ... eles
29 queriam saber (o que é que achavam) do curso e tal eu peguei e disse que eu
30 era totalmente contra que tipo Aqui eles falam licenciatura simples né?
31 L1: Aham
32 L2: tipo tu sai daqui só podendo dar aula de espanhol ou inglês ou português
33 L1: [
- 34 sim
35 L2: e ai os concursos da própria universidade dos colégios / do colégio
36 politécnico não sei se tu sabia (só) ah eles pedem dupla habilitação... então na
37 verdade o que eles está fazendo eles estão formando gente aqui para
38 contratar pessoal da ubra da unisc da puc

39 L1: [

40 ()

41 L2: não Tem sentido cara tipo ai:: eu vou passar seis anos aqui tipo seis anos

42 quando eu ---- para uma habilitação para começar

43 L1: se tu quiser outra tu ()

44 L2: [

45 e daí tipo mais no mínimo dois anos mentira no mínimo

46 dois anos e meio para (ter didática) de português ai

47 tem estagio um dois três e quatro

48 L1: isto que tu (está falando de português) tu está falando

49 L2: sim ai passa oito anos e meio

50 L1: Imagina

51 L2: e pra PORqueira que ganhar... e ai tu sai e ganha PORqueira que ganha e

52 passa/passa o mesmo tempo (mofando) na universidade que um medico

53 L1: Exatamente

54 L2: mmm né?::

55 L1: concordo contigo ()

A partir do texto conversacional apresentado, é importante mencionar que segundo Orecchioni (2014), ambos interlocutores, o falante e o ouvinte têm que mostrar que estão engajados na conversação, por meio de sinais que podem ser linguísticas ou extralinguísticas.

Para que haja troca comunicativa, não basta que dois falantes (ou mais) falem alternadamente; é ainda preciso que eles se falem, ou seja, que estejam, ambos “engajados” na troca e que deem sinais desse engajamento mútuo, recorrendo a diversos procedimentos de validação interlocutória. (ORECCHIONI, 2014, p.8)

Nesse sentido, chama-se a atenção para a colaboração mutua dos interlocutores na conversação devido a que a construção do texto conversacional se dá a partir dessa colaboração, como se existisse um consenso mútuo. É por meio dos sinais tanto linguísticos como extralinguísticos produzidos pelos interlocutores que esse texto é co-construído.

3. Resultados

3.1. Análise do Contexto

Orecchioni (2014) propõe uma apresentação do contexto partindo de duas categorias, por um lado, o que a autora nomeia de “ingredientes” do contexto, os quais correspondem ao lugar, aos objetivos e aos participantes e por outro lado, o quadro participativo, o qual compreende os papéis interlocutivos e os diferentes tipos de ouvintes.

Nesse sentido, expondo os “ingredientes do contexto”, destaca-se que, o *corpus* para este trabalho foi adquirido por meio de uma gravação, realizada em uma sala de aula do Centro de Ensino e Pesquisa de Línguas Estrangeiras Instrumentais (CEPESLI) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), com duas estudantes do primeiro e nono semestre da graduação em Letras – Espanhol da UFSM.

As participantes foram duas estudantes, aqui denominadas de L1 (37 anos) e L2 (22 anos), ambas da Licenciatura em Letras - Espanhol da UFSM, que foram engajadas em uma conversação face a face. As participantes têm uma relação profissional, já que trabalham no mesmo centro de pesquisa. Além disso, têm uma relação de grande intimidade.

O objetivo global foi uma conversação informal, a partir da qual se obtiveram os seguintes tópicos: falar sobre a aprendizagem de espanhol, estrutura do curso de espanhol da UFSM, motivação de aprendizagem e expectativa profissional esperada dessa formação.

Quanto ao “quadro participativo” nesse trabalho destacam-se os três elementos propostos por Orecchioni (2014):

a) os papéis interlocutivos, representados por um falante e um ouvinte em cada turno. Como se mostra nesse trabalho há presença de duas participantes, agindo como falante e ouvinte em cada turno de fala;

b) os diferentes tipos de ouvintes, classificados por Goffman (2014, apud Orecchioni) em: por um lado, participantes reconhecidos, por outro lado, os simples espectadores. Nesse trabalho, há duas participantes reconhecidas, devido a que mostram um comportamento verbal ao decorrer da conversação. Os participantes espectadores, os quais estão fora da troca verbal, e agem como ouvintes são perceptíveis para os participantes, a pesquisadora faz parte dos participantes espectadores;

c) os papéis interacionais, na conversação analisada correspondem a estudante-estudante. É dizer uma interação simétrica.

Nesse sentido, Orecchioni (2014) define o contexto como uma combinação das representações que os interlocutores têm. Assim, é importante destacar o papel e a interpretação desse contexto na análise de uma conversação.

No contexto é analisado como é produzido o texto conversacional, por meio de escolhas lexicais, assim, as formas de tratamento e nível de língua impõem esse contexto. Como se percebe no seguinte trecho.

- 1 L1: (...) até uma dinâmica né? pra dar (mais parecida)
- 2 L2: o problema e que também...sei lá cara as vezes eu acho que os professores por
- 3 ser noturno:::
- 4 L1: acho que não dão aquele devido interesse de repente não montam uma aula...
- 5 ehhhh () falar

No trecho apresentado, as interlocutoras utilizam uma forma de tratamento informal. L2 (2) utiliza a palavra “cara” para estabelecer intimidade. Essas escolhas lexicais permitem identificar os “ques” e os “quens” que permeiam o contexto da conversação. Os “quens” são identificados como dois sujeitos que tem uma relação simétrica. Além disso, os “ques” representados pelas escolhas lexicais “professores”, “dinâmica” e “aula” foram utilizadas por ambas interlocutoras categorizando a instituição da universidade.

Destaca-se que as interlocutoras identificam o significado implícito por meio do contexto compartilhado que têm da Licenciatura em Letras - Espanhol. No trecho apresentado anteriormente, observa-se que L1 (4) completa o alongamento da vogal de L2 (3), pelo que se infere que ela conhece a situação descrita por L2, já que ela, L1, toma o turno de fala completando o enunciado de L2.

Dessa forma, o contexto e o texto conversacional relacionam-se no decorrer da conversação. Esta relação é dialética, porque vai se construindo durante a interação. Nesse sentido, Orecchioni (2014, p.35) afirma que “O discurso é uma atividade, ao mesmo tempo, condicionada (pelo contexto) e transformadora (desse mesmo contexto)”. Há um contexto específico que permeia a conversação, embora ele vá se transformando nas negociações que os interlocutores realizam.

Os "ques" obtidos por meio da análise, referem-se à instituição da universidade por meio das escolhas lexicais que os interlocutores realizam na conversação, como pode ser observado no seguinte trecho:

- 22 L2: eu tô sem nenhuma cadeira desde que voltei da argentina (sem) nenhuma
23 disciplina de espanhol
24 L1: [
25 exatamente aham e ai como vai praticar né? porque:: vai
26 Praticar por ti em casa ou em algum grupo de estudo
27 L2: não porque tipo ah sei lá eu também sou contra uma coisa que acontece ai no
28 curso mas isso já reclamei logo quando (teve aquela) coisa que ... eles
29 queriam saber (o que é que achavam) do curso e tal eu peguei e disse que eu
30 era totalmente contra que tipo Aqui eles falam licenciatura simples né?
31 L1: Aham
32 L2: tipo tu sai daqui só podendo dar aula de espanhol ou inglês ou português

L1 e L2 realizam as suas escolhas lexicais partindo do tema “aprendizagem de espanhol na universidade”, utilizando as palavras “cadeira”, “disciplina de espanhol”, “grupo de estudo”, “curso”, “licenciatura” e “espanhol”. Todas essas escolhas lexicais realizadas pelas interlocutoras encontram-se no contexto de universidade, associam-se à Licenciatura em Letras-Espanhol da UFSM.

Apresentam-se atividades em comum para os interlocutores, que também os representam como membros de uma mesma esfera social ou papel social, neste caso, da esfera de estudantes da Licenciatura em Letras – Espanhol da UFSM.

3.2. Elementos da Interação na Conversação

As realizações não verbais, vocais ou verbais são consideradas como sinais de interação. Nesse sentido, os sinais linguísticos da interação que correspondem ao falante são considerados de “captadoras”, por exemplo, “hein”, “né?”, “sabe?”, etc. Enquanto que, para o ouvinte, esses sinais são nomeados de “reguladores” (ORECCHIONI, 2014), os quais compreendem realizações verbais, vocais ou não verbais.

Os sinais não verbais consistem, por exemplo, em sorrisos, meneios de cabeça, etc. As vocais correspondem a realizações como, “humm”, “aham”, etc.

Enquanto as verbais compreendem afirmações ou negações, “sim”, “certo”, “não”, etc. Geralmente em uma conversação esses sinais formam parte da interação e de alguma maneira marcam essa interação como se observa no trecho seguinte:

- 29 L2: não porque tipo ah sei lá eu também sou contra uma coisa que acontece ai no
30 curso mas isso já reclamei logo quando (teve aquela) coisa que ... eles
31 queriam saber (o que é que achavam) do curso e tal eu peguei e disse que eu
32 era totalmente contra que tipo Aqui eles falam licenciatura simples né?
33 L1: Aham
34 L2: tipo tu sai daqui só podendo dar aula de espanhol ou inglês ou português

No trecho apresentado, a falante L2 (31) utilizou a sinal captadora de “né?” para envolver a ouvinte em sua opinião, como pedido de confirmação ou recusa, enquanto que a ouvinte L1 (32) utiliza a realização vocal de “aham” para indicar que está engajada na conversação e que não tem uma opinião diversa da expressada por L2 (31).

Os marcadores não verbais e paraverbais observados durante a gravação da conversação correspondem à proximidade espacial das interlocutoras, as quais se colocaram voluntariamente uma em frente da outra, sendo que a sala dispunha de mesas redondas e várias cadeiras. Mesmo assim, as interlocutoras escolheram colocar as suas cadeiras uma em frente da outra. Observaram-se também elementos como o contato visual fortemente estabelecido, além de gestos como sorrisos por parte das duas interlocutoras.

Os marcadores verbais para estabelecer as relações interpessoais implicam formas de tratamento. As duas interlocutoras escolheram o tratamento informal “tu”, além da utilização da palavra “cara” por L2 para se relacionar, como é observado no trecho seguinte:

- 41 L2: não Tem sentido cara tipo ai:: eu vou passar seis anos aqui tipo seis anos
42 quando eu ---- para uma habilitação para começar
43 L1: se tu quiser outra tu ()
44 L2: [
45 e daí tipo mais no mínimo dois anos mentira no mínimo
46 dois anos e meio para (ter didática) de português ai
47 tem estagio um dois três e quatro

Esses elementos verbais mostram o grau de intimidade das interlocutoras, já que utilizam um tratamento informal. L1 (44) e utiliza o pronome informal “tu” e L2 (42) a palavra “cara”, estabelecendo assim uma relação interpessoal próxima.

Além das formas de tratamento, os temas abordados durante a conversação também podem ser indicadores da relação interpessoal. De acordo com Orecchioni (2014), dependendo do grau de intimidade e do conhecimento dos interlocutores, é possível expressar-se sobre temas diversos. Observa-se que as interlocutoras falam

de temas livremente expressando a sua opinião, falando sobre a estrutura do curso que inclui somente uma habilitação para exercer a sua profissão.

No trecho apresentado, o nível da língua e os temas abordados são aspectos para a análise dessa relação. Quanto mais informal o nível de língua, maior a proximidade existente entre os interlocutores. Na análise realizada, confirma-se esse fato por meio do tratamento informal utilizado.

3.3. Representação das identidades e atividades socialmente situadas das Interlocutoras

Uma forma de analisar como são construídas essas identidades e atitudes por meio da conversação pode ser a partir da análise do uso da primeira pessoa do singular “Eu”, proposto por Gee (1999), ou seja, enunciados que são nomeados de “Eu enunciados” que correspondem a diversos tipos: cognitivos, afetivos, de estado ou ações, de habilidades ou obstáculos e de desejos e logros. Nesse trabalho, três tipos de enunciados foram obtidos: cognitivos, de estado ou ações, e de habilidades ou obstáculos.

Em primeiro lugar, os enunciados cognitivos representam o que os interlocutores sabem ou pensam. Fato que pode ser comprovado no seguinte trecho:

- 14 L1: outra coisa que eu acho que ((tossiu)) realmente ((tossiu)) falta nos cursos de
15 espanhol seria uma cadeira tipo módulos modulo um dois até o / até o decimo
16 semestre com oralidade
17 L2: eu acho

As interlocutoras expressam o seu pensamento por meio do verbo “achar” e utilizam o pronome “Eu”. A opinião delas não é atribuída a ninguém mais do que a elas. L1 (14) acha que os cursos de espanhol precisam de disciplinas de oralidade. Destaca-se que as duas opinam igualmente com respeito à estrutura da Licenciatura em Letras – Espanhol por meio do enunciado “eu acho”.

Em segundo lugar, os enunciados de estado ou de ações, os quais como definidos pelo seu nome, representam estados ou ações dos interlocutores. Como observado no seguinte trecho:

- 20 L1: um dois três porque tem uma duas três e daí já pula pra outra coisa eu estou
21 num semestre que não tem nada de espanhol
22 L2: eu tô sem nenhuma cadeira desde que voltei da argentina (sem) nenhuma
23 disciplina de espanhol
24 L1: [
25 exatamente aham e ai como vai praticar né? porque:: vai
26 praticar por ti em casa ou em algum grupo de estudo

No trecho apresentado, L2 (22) utiliza o verbo “estar” para expressar que não cursa disciplinas de espanhol, enquanto L1(26) utiliza o verbo de ação “praticar” para relacionar o estado e a ação, neste caso observa-se um estado negativo, e uma ação que denota uma ação negativa de falta de prática de espanhol.

Os enunciados de habilidades e obstáculos, os quais representam o que os interlocutores são capazes ou não de fazer, e o que eles são obrigados a fazer. Representados no seguinte trecho:

- 34 L2: tipo tu sai daqui só podendo dar aula de espanhol ou inglês ou português
35 L1: [
36 sim
37 L2: e ai os concursos da própria universidade dos colégios / do colégio
38 politécnico não sei se tu sabia (só) ah eles pedem dupla habilitação... então na
39 verdade o que eles está fazendo eles estão formando gente aqui para
40 contratar pessoal da ulbra da unisc da puc

No trecho apresentado, L2 (32) utiliza o verbo “poder” para falar da habilitação para dar aula de espanhol, inglês ou português. Além disso, utiliza o verbo “pedir” para restringir o que ela não é habilitada a fazer.

Nos trechos analisados, destaca-se que os enunciados expressam as suas opiniões, estados, ações e obstáculos. Embora, os enunciados que expressam os seus desejos e logros não são encontrados no trecho da conversação escolhido para a análise. Pelo que se infere a falta de motivação das interlocutoras.

A identidade das interlocutoras é de estudantes, os sujeitos que elas procuram ser nesse momento conversacional é de estudantes de Letras Espanhol. A construção dessa identidade vai se criando por meio das escolhas lexicais que elas realizam no decorrer da conversação.

O Discurso é de falta de motivação e de insatisfação para com a sua formação. As duas interlocutoras constroem esse Discurso colaborando com elementos não verbais, vocais e verbais.

4. Considerações finais

Os enunciados em uma conversação contêm mais do que as interpretações obtidas a partir da gramática. Certamente, as escolhas léxicas formam parte da interpretação desses enunciados, embora, quando se fale de interpretação, devem-se considerar os elementos além da gramática. Há fatores que incidem nessa interpretação, por exemplo, o contexto, a construção de relações, identidades e atitudes no decorrer da conversação.

O contexto é a primeira parte na construção de uma interpretação ou uma análise de conversação. É por meio dele que as escolhas lexicais são realizadas. Essa escolha, por sua vez, implicará o estabelecimento de uma relação determinada entre os participantes e também uma determinada relação com uma instituição específica como foi apresentado nesse trabalho.

Essa relação interpessoal determina também como as participantes vão construindo essa relação com uma instituição específica. Elas vão cooperando e se complementando nessa construção. Nesse trabalho, observou-se que as participantes avaliam negativamente essa relação, por meio da análise das suas ações expressas e das escolhas lexicais.

Não basta interpretar o texto conversacional desde uma perspectiva empírica, qualquer sujeito diria que as interlocutoras estão desmotivadas com respeito a sua formação ou que tem uma relação próxima, mas demonstrar como e porque se realizam esse tipo de afirmações, a partir de que suporte linguístico se podem argumentar essas hipóteses é o objetivo que se propôs cumprir com esse trabalho.

Nesse sentido, destaca-se que se precisa de mais trabalhos na área da análise da conversação, não somente a partir do texto conversacional, mas também desde uma concepção lexical para poder interpretar a conversação a partir de uma perspectiva que explique as escolhas lexicais contextualizadas.

Referências Bibliográficas

GARFINKEL, H. **Studies in ethnomethodology**. Prentice-Hall, Englewood Cliffs, NJ, 1967.

GEE, J. **An introduction to Discourse Analysis, Theory and Methods**, Routledge, London, 1999.

HUCHTBY, I; DREW, P. **Conversation analysis**. In: VERSCHUEREN, J. Handbook of Pragmatics. Amsterdam e Philadelphia: John Benjamins, p. 182-189, 1985.

ORECCHIONI, C. **A análise da conversação: princípios e métodos**, Parábola, São Paulo, 2014.

TUSÓN, A. **El análisis de la conversación: entre la estructura y el sentido**, Estudios de Sociolingüística 3 (1), Barcelona, p. 133-153, 2002.